

AS VOZES DAS CRIANÇAS DIANTE DOS DESAFIOS SOCIOAMBIENTAIS NA CIDADE

CHILDREN'S VOICES OF DAILY SOCIO-ENVIRONMENTAL CHALLENGES IN THE CITY

LAS VOCES DE LOS NIÑOS FRENTE A LOS DESAFÍOS SOCIOAMBIENTALES EN LA CIUDAD

José Cavalcante Lacerda Junior

<http://orcid.org/0000-0001-9697-8377>

Maria Inês Gasparetto Higuchi

<http://orcid.org/0000-0001-6525-4018>

Evelyn Lauria Noronha

<http://orcid.org/0000-0002-0847-1742>

Resumo: Ouvir crianças é uma abertura para expandir o conhecimento sobre a sociedade. As crianças têm sim muito a dizer sobre os espaços em que estão inseridas. Ao ouvir a voz das crianças, quais seriam os desafios por elas vivenciados no cotidiano da cidade? A partir deste questionamento, 77 crianças, entre 7 e 11 anos, alunos de uma escola de artes em Manaus, Amazonas, foram ouvidas numa entrevista semiestruturada e em rodas de conversas. Os dados foram analisados a partir da análise de conteúdo. As vozes das crianças foram incluídas num contexto bibliográfico a fim de problematizar a relação da criança com a cidade, destacando a relevância do reconhecimento das crianças como sujeitos. Os resultados evidenciam a necessidade das vozes infantis na compreensão dos processos de percepção sobre a circulação, apropriação e vivências no contexto urbano.

Palavras-chave: Infância. Contexto urbano. Desafios socioambientais.

Abstract: Listening to children is an opening to expand knowledge about society. Children do have a lot to say about the spaces in which they live. When listening to the children's voice, what would be learning about the challenges they experience in the daily life of the city? Based on this questioning, 77 children, between 7 and 11 years old, students from an art school in Manaus, Amazonas, were heard in a semi-structured interview and in conversation circles. The data were analyzed using content analysis. The children's voices were included in a bibliographic context in order to problematize the child's relationship with the city, highlighting the relevance of recognizing children as subjects. The results show the need for children's voices to understand the processes of perception about circulation, appropriation and experiences in the urban context.

Keywords: Childhood. Urban context. Socio-environmental challenges.

Resumen: Escuchar a los niños es una oportunidad para expandir el conocimiento sobre la sociedad. Los niños tienen mucho que decir sobre los espacios en los que viven. Al escuchar la voz de los niños, ¿cuáles serían los desafíos que experimentan en la vida diaria de la ciudad? De este interrogatorio, 77 niños, entre 7 y 11 años, estudiantes de una escuela de arte en Manaus, Amazonas, fueron escuchados en una entrevista semiestructurada y en círculos de conversación. Los datos se analizaron mediante el análisis de contenido. Las voces de los niños se incluyeron en un contexto bibliográfico para problematizar la relación del niño con la ciudad, destacando la relevancia de reconocer a los niños como sujetos. Los resultados muestran la necesidad de que las voces de los niños comprendan los procesos de percepción sobre la circulación, la apropiación y las experiencias en el contexto urbano.

Palabras clave: Infancia. Contexto urbano. Desafíos socioambientales.

1. INTRODUÇÃO

A Declaração dos Direitos da Criança (ONU, 1959) e o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA (BRASIL, 1990) são marcos fundamentais na construção de discursos e práticas sobre a infância e as crianças na modernidade. Construídas em meio a críticas e lutas vislumbram, fundamentalmente, uma abertura ao reconhecimento das crianças como sujeitos. Para tanto, é preciso ouvi-las.

Ouvir as crianças mundo afora é uma abertura para expandir o conhecimento sobre a sociedade. As crianças têm sim muito a dizer, mas estariam elas sendo ouvidas com a legitimidade e virtude que merecem? Historicamente se tem um modo de *excluir silenciando* diversos grupos (SANTOS, 2006). Esses *silêncios* e nesses *silêncios* estão vidas repletas de significados que tecem o mosaico do mundo em que se vive e as relações com todos que compartilham desse espaço. As crianças têm seu lugar distinto na interlocução e na tessitura do mundo, tão valioso quanto os demais grupos etários.

E ainda não se trata somente de dar voz, mas de abrir espaços de escuta, onde as crianças possam se colocar frente à realidade do seu mundo, desfrutar de seus direitos e de sua condição como cidadão partícipe, que embora com responsabilidades distintas, são complementares com os demais de outras idades. Esse dinamismo instaura um reconhecimento das crianças como sujeitos na *pólis*, as quais historicamente foram vislumbradas a parte ou como adultos em miniaturas (ARIËS, 1981).

As crianças como sujeitos são capazes de revelar o entendimento de seu universo simbólico, de suas crenças, de suas representações e dos desafios que circundam seu estar na cidade numa linguagem que lhes é peculiar e relevante de ser compreendida e escutada. Nessa condição, o que as crianças urbanas podem nos dizer sobre os desafios socioambientais que estão presentes em seu cotidiano?

Para adentrar nessa escuta esse artigo traz a percepção das crianças sobre a cidade. O estudo foi realizado com 77 crianças, entre 7 e 11 anos, numa escola pública de Artes e Ofícios na cidade de Manaus, Amazonas. A pesquisa foi desenvolvida a partir de uma estratégia metodológica multimétodos (PINHEIRO; GÜNTHER, 2008; GÜNTHER; ELALI;

PINHEIRO, 2011). Aqui o estudo se debruça sobre os dados obtidos na entrevista semiestruturada e rodas de conversas realizadas entre 2017 e 2018. Os dados foram analisados a partir da Análise de Conteúdo (BARDIN, 2016).

Essas vozes são posicionadas num tempo e espaço trazendo discussões que a literatura permite contextualizar tais manifestações. Destaca-se que ao pesquisar com as crianças, a identificação nominal é um elemento importante para que a investigação não apenas para que expressem uma voz, mas uma face que possa ser diferenciada (CORSA-RO, 2005). Por isso, apresentou-se a cada criança a opção de se identificar com um nome fictício nesse estudo, escolhido a partir de um rol de nomes relacionados às cidades e aos artistas. Sendo assim, a identificação fictícia é escolha da própria criança.

Por fim, destaca-se que os desafios socioambientais sobre a cidade verificados pelas crianças se constituem numa complexa relação de elementos, que atravessam suas experiências de deslocamento na cidade, suas vivências e narrativas inseridas em plurais e diversas interações no cotidiano.

2. OS DESAFIOS DAS CRIANÇAS NA CIDADE

As cidades na Amazônia passam por um notório processo de urbanização, incluindo desde as pequenas até as grandes aglomerações. Cidades como Belém e Manaus constituem-se como centros para a acumulação do capital e intensos processos laborais onde se preza sobremaneira o ambiente construído. Apesar do reconhecimento da identidade social da Amazônia como bioma de natureza exuberante, as cidades cada vez mais se diferenciam do mundo natural com seus viadutos e edifícios de concreto. Observa-se, no entanto, que a floresta, os igarapés e rios performam as cidades fornecendo um cenário inexorável desse ambiente amazônico.

A cidade de Manaus, capital do Estado do Amazonas, destaca-se nesse cenário. Seu desenvolvimento mais contundente está atrelado a intervenções exógenas a sua condição, o qual dispõe o que pode ocorrer ou não na cidade. O sistema de fortificação português para domínio territorial, o *boom* do ciclo da borracha e a Zona Franca de Manaus são alguns exemplos, de que como um centro urbano, “Manaus cresce como [...] sinal do enlouquecimento orgânico. Sua expansão urbana é um fenômeno estrangeiro, [...]” (SOUZA, 2003, p.188-189).

Nas últimas décadas, esse fenômeno foi intensamente conformado com a presença das fábricas no Pólo Industrial. O processo de imigração interna, regional e nacional resultou na proliferação de várias ocupações, posteriormente, constituídas em bairros desprovidos de infraestruturas básicas (SILVA, 2009). O crescimento populacional saltou de um pouco mais de 200.000 habitantes em 1970 para 1.802.014 em 2010 (IBGE, 2010) e atualmente estimada em mais de 2 milhões de habitantes. Esse grande espectro populacional

deu pouco tempo para a cidade acolhê-los e as demarcações de pobreza e riqueza foram ficando cada vez mais salientes, convivendo um ao lado da outra, do centro à periferia.

A malha urbana expandiu-se para longe das margens do rio Negro, esparramando-se pelos extensos platôs no sentido norte e leste, com a predominância das ocupações espontâneas conhecidas como 'invasões', e no sentido oeste, com a predominância de condomínios fechados e moradias de alto padrão. A 'orla da Ponta Negra' é a que reflete de modo mais claro a desigualdade social especializada na estrutura urbana, pois morar nos conjuntos de apartamentos de alto padrão de frente para o rio Negro é inovador em termos de urbanismo. Afinal, na cidade que cresceu de costas para o rio, ter o rio à janela é para poucos que podem pagar um valor que supera as cifras do metro quadrado construído de outras cidades brasileiras (OLIVEIRA; SHOR, 2008, p. 84).

Na busca por moradias, a floresta outrora dentro da cidade, deu lugar para os densos aglomerados urbanos. Essa relação do urbano com a floresta perpassa as relações dos moradores e marca a maneira como os elementos naturais serão consideradas na vivência cidadina, sendo por vezes, depreciados por não remeter ao imaginário de urbanização, isto é, morar na cidade é se constituir na artificialização da paisagem (OLIVEIRA, 2012). Embora apreciada, a floresta nem sempre é um aspecto desejado pelos cidadãos, sendo assim, é melhor que esteja distante (SILVA, 2009; HIGUCHI; AZEVEDO; FORSBERG, 2012; HIGUCHI; SILVA, 2013).

Imerso nessa conjuntura sócio-histórica, os moradores de Manaus passam a conviver com o paradoxo de cidade na Amazônia sem a floresta. Os idosos ainda têm em sua memória os espaços naturais com beleza extraordinária e se entristecem em ver a depreciação dessa natureza. Os adultos rememoram os espaços dos mais velhos e, embora descontentes com a natureza distanciada, se conformam e se orgulham com a cidade em evolução. E as crianças, o que elas percebem em suas vivências cotidianas?

Na escuta manifestada pelas vozes das crianças observa-se uma cidade que traz, inevitavelmente, elementos dos idosos e dos adultos, mas com um olhar diferenciado. Nessa percepção da cidade, estão os espaços físicos, onde a criança reconhece como elementos constitutivos da dimensão estrutural da cidade. Além dessa dimensão, as crianças apresentam elementos que emergem das relações sociais como o preconceito e a violência, demonstrando uma dimensão simbólica em suas impressões em torno da cidade.

Como sujeitos da cidade, as crianças vivem os espaços reais e simbólicos, e assim vão formando significados e configurações próprias. Suas percepções são elaboradas a partir de singulares perspectivas (PÉREZ; PÓVOA; MONTEIRO CASTRO, 2008) e manifestam uma compreensão particular das dinâmicas socioambientais que a cidade lhes apresenta. Nesse sentido, constatou-se três categorias de desafios que estão latentes nas vozes das crianças: (a) a rotina de circular pelas ruas; (b) a condição de estar na escola, e (c) sentir a violência onde se mora.

a. A rotina de circular pelas ruas

A experiência urbana passa pelas transições realizadas entre os seus espaços na mobilidade de seu perímetro. Essa realidade é intensamente ressaltada pelas crianças e assume a rua como fator de desapareço. As ruas já não mostram a beleza de suas curvas ou a paisagem dos edifícios que a ladeiam. O olhar das crianças capta de imediato o ruim, o feio e o sujo. As precariedades dos buracos, a inevitável poluição e o lixo conformam uma percepção relativamente naturalizada. As vozes das crianças ressoam uma percepção tácita, que paira uma certa sublimação diante de uma realidade pouco agradável:

São Paulo: *“Algumas são asfaltadas e outras com muitos buracos”*.

Fortaleza: *“As ruas em Manaus são todas esburacadas e sujas”*.

Teresina: *“As ruas têm muito lixo. Tudo jogam nas ruas”*.

Tóquio: *“Algumas ruas são muito esburacadas. Já outras são bem asfaltadas”*.

Para as crianças, as ruas expressam uma característica do processo de urbanização. Saliendam problemáticas de infraestrutura e saneamento básico, existente nas cidades amazônicas ao longo dos anos, o que não furta Manaus de tal conjectura. O que se observa não é o efeito que a rua representa para si, mas é o que está aí no seu caminho, ou seja, nos dias que precisam circular para ir de um espaço para outro. A percepção das crianças está vinculada àquilo que está diretamente presente, concreto e se apresenta em seu cotidiano.

Esse aspecto se mostra ainda mais relevante, à medida que a conformação das ruas como espaços diretos de circulação aponta para uma singular relação histórica com os rios. A construção da cidade de Manaus a partir de seu porto, onde se concentrava a vida comercial e social, principalmente com o ciclo da borracha, indica que as ruas emergem do Rio Negro e vão se espraiando pelos bairros (GARCIA, 2012). As ruas aparecem no cenário urbano como um prolongamento do movimento dos rios. Na Amazônia, o rio comanda a vida (TOCANTINS, 2000) e, em Manaus, essa relação produz uma espécie de anfibalidade (FRAXE, 2000), que aglutina o aspecto cultural e natural na Amazônia urbana.

Ao expressarem as ruas como característica do processo de urbanização, as crianças revelam um desafio socioambiental que ressalta a sua rotina na circulação pela cidade. Nos seus movimentos diários pelas ruas, em seus problemas físicos, essas percepções calcadas em aspectos precários as impedem de vislumbrar outras gestalts que podem lhe representar a satisfação da circulação. As ruas, em tese, deveriam favorecer a transição e a passagem de um espaço para outro onde a mobilidade deveria estar emoldurando numa fluidez como menor dificuldade.

É nesse cenário que a criança se vê nesse espaço. As ruas não apenas restringem sua circulação, mas sobretudo a impede de construir imagens que retratem a cidade para além de suas problemáticas. As ruas de Manaus não são apreciadas como caminhos in-

tersticiais que lhes favorecem o deslocamento a novos lugares, mas que se interpõem em suas condições materiais e estruturais de algo nada convidativo para sua viagem. Para as crianças, o que prevalece são as condições do chão, ou seja, a quantidade de buracos que emergem no asfalto. Seu olhar não se amplia no horizonte, mas os remete para baixo, impedindo outras percepções das “faces” da cidade.

De modo geral esse desafio socioambiental das ruas não contempla somente a urgência de seu recapeamento e manutenção (RODRIGUES, 2006). Em Manaus esse aspecto associa-se a outros elementos como a característica do clima com temperaturas elevadas e caótica circulação de veículos e de pedestres. É lúcido destacar que a restrição estrutural da rua, apesar de ser vislumbrado como algo pejorativo, não interpõe uma sensação da rua baseada em sentimentos como medo ou insegurança, mas, coaduna a descoberta de outros sentidos e significados que outorgam sua estadia, talvez com menos poesia. Não se observa diretamente em suas vozes a representação dos riscos, medos e insegurança que tais precariedades poderiam evocar.

Esse sentido está presente em outro estudo realizado em Manaus, onde destaca que “as crianças vivenciam os aspectos do ambiente ‘dentro do possível’” (CRUZ, 2011, p. 712), mesmo em situações de precariedade, os espaços vivenciados pelas crianças são assimilados e utilizados de acordo com suas estratégias lúdicas. À beira dos igarapés, em áreas recém-ocupadas, em fios de barros apresentados como ruas, as crianças se apropriam e elaboram àqueles espaços com criatividade e imaginação em suas relações.

A dimensão estrutural de espaço físico ruim não exclui, ainda, em algumas crianças uma leitura como espaço social inadequado para as pessoas menos favorecidas. Essa condição negativa da rua é por sua vez referida como um lugar não apropriado para estar ou morar. Os migrantes e moradores de rua deveriam ser acolhidos pela cidade, como se observa na fala de Otimismo: “*As cidades deveriam ter casas para tirar as pessoas das ruas. [...] A cidade deveria arrumar um jeito para tratar bem essas pessoas*”.

As restrições na circulação pelas precariedades das condições infraestruturais das ruas fortalece o reconhecimento dos problemas sociais da cidade. As vozes das crianças estão articuladas à crise migratória haitiana e venezuelana sentida em Manaus nos últimos anos. Como rota de passagem, Manaus revelou nas ruas o drama social dos migrantes, principalmente dos grupos supracitados, solicitando algum tipo de ajuda (SILVA, 2016).

É por isso que as crianças ao serem indagadas sobre o que fariam na cidade, caso pudessem indicar alguma mudança, apontam as ruas como um desafio que precisa ser cuidado com urgência, como destaca Parintins: “*A cidade precisa de ruas novas. Eu faria ruas novas, porque tem muito buraco onde moro. Lá perto de casa tem água dentro deles*” e Presidente Figueiredo: “*Eu mandaria tampar as ruas esburacadas*”.

As precariedades observadas nas ruas prejudicam a circulação das crianças na cidade, penalizando experiências por vezes restritas em *cápsulas protetoras* (LACERDA JUNIOR, 2018) ou em estruturas de controle e institucionalização das crianças em espaços

projetados a elas (ZEIHER, 2003; RASMUSSEM, 2004; CHRISTENSEN; O`BRIEN, 2003; FERREIRA; FERREIRA, 2017). O desafio das ruas coaduna a circulação infantil na cidade, influenciando estilo de vida, rotinas e maneiras de como as crianças constroem seu processo de apropriação da cidade.

Assim, a imagem construída em torno da cidade se reveste dos aspectos salientado nas ruas. Os problemas causados evitam a contemplação de uma paisagem que valoriza, por exemplo, os elementos verdes como rios/igarapés e a própria floresta. Tais elementos não desaparecem de suas percepções, no entanto, observa-se que elas não estão na base da estrutura da cidade. O que fica saliente na construção da imagem da cidade de Manaus são elementos que marcam uma cidade caracterizada pela precariedade em sua estrutura.

b. A condição de estar na escola

A escola é um espaço representativo do estar fora da casa. É consenso que a escola é um dos primeiros espaços da cidade, onde a criança começa transitar e se apropriar os espaços extra casa. A presença das crianças na cidade é marcada pelo sistema de ensino escolarizado, característico do século XX, que se constitui como um *locus* de formação e construção dos sujeitos contemporâneos (CORTELLA, 2006).

Enquanto espaço formativo, a escola contempla a sociedade industrializada, a qual atende as necessidades do sistema de produção e da vida urbana. Sua organização pauta-se em uma proposta coletiva de divulgação dos conhecimentos e da iniciação à vida adulta são direcionados em modelos curriculares que colaboram na formação e exercício da cidadania. A experiência escolar é condição propedêutica fundamental para a plena dinâmica dos direitos e deveres para com a sociedade.

A escola aglutina à cidade suas condições e possui significativa influência na percepção das crianças em relação à cidade. Nessa perspectiva, embora tendo cenários prazerosos, evidencia, também, a presença de mazelas que incomodam as crianças. A observação das crianças em torno da escola reverbera as dificuldades que o Brasil enfrenta nos últimos anos em relação a educação, principalmente, as que diz respeito a infraestrutura e melhoria no atendimento da merenda.

Se para os adultos a cidade de Manaus sinaliza positivamente um aumento crescente no número de estabelecimento e matrículas na educação infantil nos últimos cinco anos, 2012-2017 (INEP, 2019), para as crianças esse elemento não é suficiente. Elas indicam que é importante ter mais escolas, mas além desse aspecto quantitativo, elas sinalizam que a cidade precisa fornecer uma vida melhor. Isso inclui ambientes que lhes proporcione um bem estar a partir da alimentação e de prédios “consertados”. O aspecto físico é acrescido da indicação de ausência de greves para destacar a sua funcionabilidade. Elas dizem:

Cocielo: *“Melhoraria a educação nas escolas e melhoraria a merenda na escola”*.

Felipe Neto: *“Consertaria as escolas e elas estão em greve. Ajudaria também as farmácias que as vezes não tem um remédio pra vender”*.

Rio Preta da Eva: *“Eu melhoraria a cidade. Mandava construir mais escolas”*.

Presidente Figueiredo: *“Construía mais escolas e mais hospitais [...]”*.

Whinderson Nunes: *“Eu mandaria construir escolas [...]”*.

Quando se concebe tais considerações direcionadas para a escola, sabe-se que os espaços físicos ao comporem parte integrante das relações das crianças com o mundo emolduram formas de organização do ambiente repercutindo diretamente no processo ensino-aprendizagem das crianças. Por certo, espaços precarizados e pouco atrativos, constituem-se em espaços pouco convidativos às crianças (ROSADO; CAMPELO, 2011).

Esse sentido suscita afetividades com valências negativas, como expressa São Paulo, ao dizer: *“lá é muito chato e não tem nada lá dentro”*. Na voz de Nova York há uma ressonância desse aspecto, que não só vê a falta de interesse, mas diretamente associado a gestão da escola vinculado a Polícia Militar, fenômeno bastante destacado em Manaus nos últimos anos: *“mas não gosto muito da minha escola, não. Ela é chata. Ela é da polícia. Lá é integral”*. Observa-se em tais expressões que não basta a constituição física, mas o processo de apropriação do espaço perpassa pela produção de sentidos, que parecem estar distantes, nesses espaços, das experiências infantis.

Outro aspecto destacado é o tempo de permanência na escola. A propagação do modelo de escola de tempo integral precisa se questionar se somente aumentando o tempo de estadia das crianças na escola é, por si só, suficiente para que a mesma consiga suprir o desejo por ambiente mais agradáveis. A interação das crianças com a escola, reverbera não somente como um espaço de circulação, mas de constituição de vivências e memórias (COSTA, 2013), as quais perpassam a forma com a crianças se relacionam com a cidade.

Vale dizer que é na e pela escola que, muitas das vezes, se conformam os afetos que estão nos sentidos e significados produzidos em relação a cidade, como sinaliza Maués: *“ela é muito divertida. Tem bagunça, mas eu gosto. Bem em frente dela tem um posto de saúde que cuida das pessoas quando eu saio lá fico de frente para o posto. Perto da escola tem um monte de lanchonete, onde eu vou quando tenho dinheiro”*.

Dessa forma, a apropriação como processo psicossocial, surge da relação do sujeito com o seu meio, onde o entorno é ao mesmo tempo prolongamento e internalização do sujeito. (CAVALCANTE; ELIAS, 2011; BOMFIM, 2010). De outra maneira, à medida que ocorre uma identificação das crianças com o seu entorno, nesse caso com a escola, forja-se um processo de apropriação. Ora, se a escola é um dos primeiros territórios de circulação das crianças na cidade, o processo de apropriação da cidade passa, inevitavelmente, pela escola.

A escola, dessa forma, constitui-se como um desafio socioambiental na medida em que faz parte dessa apropriação. Como um dos espaços onde as crianças passam considerável parte de seu tempo, traz à baila sua relevância no processo de apropriação da cidade.

Reconhece-se que quanto mais identificação ocorrer entre os sujeitos e o seu ambiente, maior será a efetivação de comportamentos ambientais que aglutinem cuidado (CORRAL-VERDUGO; PINHEIRO, 2004; CORRAL-VERDUGO et al., 2009).

O processo de apropriação da cidade pelas crianças perpassa, dessa forma, pelo desenvolvimento de atividades escolares que considerem o processo ensino-aprendizagem numa dinâmica baseada em estratégias educativas que articulem conhecimentos e metodologias com o contato da criança com as dinâmicas socioambientais presentes na cidade, como praças, corredores ecológicos, museus, áreas de preservação etc.

Enfim, o reconhecimento da escola como desafio salienta uma significativa perspectiva de apropriação da cidade pautada em práticas que devem objetivar um maior empenho na aproximação com os fenômenos e as circunstâncias vivenciadas pelas crianças. As problematizações, as descobertas e a sistematizações dos conhecimentos realizadas pelas crianças na escola estão imbuídas de suas vivências construídas a partir de seu estar no espaço, nesse caso, na cidade.

c. Sentir a violência onde se mora

Além da precariedade das ruas e da inquietude nas escolas, as crianças destacam a violência com um desafio socioambiental da cidade. Tal elemento emerge vinculado aos *lugares feios* e de ter *bandidos* nos bairros onde moram. Observa-se que as ruas, por si, não refletem medo e insegurança nas crianças, conforme destacado anteriormente. No entanto, os bairros sinalizam para essa sensação. Se as ruas revelam a circulação e a transição, os bairros indicam uma percepção vinculada à permanência, sinalizando processos diretos de vivências.

Essa perspectiva está inserida nas dificuldades que as grandes cidades apresentam. A construção de áreas residenciais que buscam proteção aos seus habitantes é característica do medo presente nas grandes cidades (BAUMAN, 2009). As crianças destacam uma compreensão de violência baseada tanto em aspectos físicos, psicológicos e sociais, como a vivência do racismo expressa em suas vozes.

Messi: *“Eu reformaria os lugares feios e ajudaria na violência porque a cidade é muito agitada. Ela parece uma sala de aula sem professor”.*

Gustavo Lima: *“Tem muitos bairros que não são perigosos e outros são. Onde eu moro à noite é muito perigoso”.*

Nova York: *“Mudaria a violência. Mudaria também a diferença que colocam entre a gente, tipo o racismo. Por isso, que eu não gosto muito dela as vezes. Eu não gosto de violência”.*

Essa conjuntura destaca o racismo, entendido como diferença que se impõe entre as pessoas, como expressão desse dilema social. No convívio infantil sinaliza um signifi-

cativo alerta para com as estruturas que perpassam nossas relações. Dessa maneira, o reconhecimento desse tipo de violência por Nova York está umbilicalmente vinculado a um dos aspectos da violência no Brasil (IPEA; FBSP, 2018), onde pessoas negras estão mais suscetíveis à violência que pessoas não-negras. Considerar tal percepção é fundamental para compreender mais um elemento de impacto desse tipo de violência sobre as crianças.

As crianças não somente percebem, como indicam os efeitos da violência sobre suas vidas. A violência sinalizada aponta uma situação de urgência em Manaus e é corroborada por outros segmentos sociais. Apesar dos dados estatísticos do último Anuário Brasileiro de Segurança Pública sinalizarem reduções nos números de homicídios, nota-se um aumento no registro da violência principalmente em mulheres (FBSP, 2019). Esses dados ficam mais expressivos na vivência urbana pela crise do sistema penitenciário expressas em motins e rebeliões, como a ocorrida no Complexo Prisional Anísio Jobim, em 2017, onde salientou a disputas de facções pelo mando e controle do espaço.

Essa conjuntura mostra uma percepção da cidade como um espaço revestido de problemas, como a violência e a falta de segurança (BAUMAN, 2009). Em Manaus é, principalmente, explicitado em zonas historicamente identificadas como violentas, como a norte e leste. A expansão urbana desorganizada incide em processos sociais de exclusão, que por sua vez reverbera o aumento na violência no ambiente vivenciado, destacando-se, justamente as áreas onde a intensificação urbana foi mais saliente.

Esse cenário, aliado à intensa propagação de informações estereotipadas nos meios de comunicação (CRUZ, 2009), corrobora para uma relação topofóbica dos moradores com seus bairros, isto é, baixa afetividade e aversão ao lugar que residem (LACERDA JUNIOR; GUIMARÃES; VASCONCELOS; HIGUCHI, 2019). Percebe-se que a criança está inserida nessa problematização e em sua maneira própria de entender a violência, já começa a viver o mesmo drama que outros grupos etários.

Tais considerações são fundamentais para considerar a necessidade de reconhecer as crianças como sujeitos da *pólis*, bem como desnaturalizar a condição infantil de um imaginário romantizado, distante e isento diante dos problemas sociais e existenciais que atravessam suas vivências no ambiente no qual está inserido. As crianças percebem e expressam em suas vozes os efeitos de tais situações. Mais que isso, as crianças também vivenciam as dificuldades perpetradas historicamente pelas relações étnico-raciais.

As crianças não estão na cidade apenas como uma adaptação momentânea de um adulto ativo politicamente. Suas necessidades, seus interesses e também seus dilemas não estão fadados a uma representação. Como pessoas transcendem esse dado e se encontram com os desafios que atravessam seus sentimentos, questionam suas vivências e buscam elaborar o que percebem, mesmo quando estão “mergulhados” em situações incompreensíveis, como o preconceito e a violência.

Assim, compreender a criança enquanto sujeito e reconhecer suas vozes é oportunizar que “cada criança precisa dar significado por si mesma ao mundo habitado” (TOREN,

2013, p.175). As condições que performam o cotidiano da cidade está, também, em suas vivências. Para tanto, a diversidade de condições eclode em suas experiências e como um universo polifônico de sentidos e significados expressam as suas elaborações e relevam suas vivências no ambiente da *pólis*. Daí o nosso desafio: escutar as crianças

3. A ESCUTA DAS VOZES DAS CRIANÇAS NA CIDADE

Tratar sobre a escuta das crianças na cidade incide diretamente, em nosso contexto acadêmico-científico, os processos investigativos, os quais referem-se ao modo de como se entende e compreende o papel das crianças. De modo geral, as formas de escuta dada às crianças em processos de investigação estão pautadas a partir de uma visão, ainda, compreendida na criança como auxiliar e objeto, onde sua presença é tida como coadjuvante no processo. Suas vozes e ações são analisadas pela competência do adulto/cientista.

A criança se constitui como ser dependente e incompetente, tendo o adulto como analista de sua condição. Urge, no entanto, levar em consideração um modo de entender as vozes das crianças em um processo integrado de investigação, considerando-as como seres plenos em si. Sob essa esteira, alargar e maturar novas práticas que visem uma perspectiva mais ampliada acerca da participação das crianças e seu encontro com a cidade torna-se necessário.

Nesse contexto, nossas produções científicas precisam postular em sua construção teórico-metodológica a auscultação das vozes das crianças como modos de produzir e conceber informações, conhecimentos e percepções (ALMEIDA, 2009). Na contramão da maneira adultocêntrica de produzir pensamentos e práticas rígidas, deve-se abrir outras vias de concepção em torno da criança e da realidade infantil, tendo suas vozes como garantias de autonomia e direitos.

[...] a ênfase na *escuta* (itálico da autora) justifica-se pelo reconhecimento das crianças como agentes sociais, de sua competência para a ação social, para a comunicação e troca cultural. Tal legitimação da ação social das crianças resulta também de um reconhecimento e de uma definição contemporânea de seus direitos fundamentais – de provisão, proteção e participação. [...] busca-se nessa *escuta* confrontar, conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós seríamos capazes de ver e analisar no âmbito do mundo social de pertença dos adultos. (ROCHA, 2008, p. 46)

Conforme se observa, o desafio que deve orientar a construção de nossas investigações com as crianças condiz com a necessidade transpor concepções que ainda vislumbram as crianças como algo exótico (DELGADO; MULLER, 2005) e como algo que falta. Em muito, ainda somos herdeiros da tradição biologicista-evolucionista, que impregna as concepções da infância em uma visão estritamente vinculada ao desenvolvimento humano, onde a ausência constitui-se como referencial para vislumbrar a infância.

A criança é entendida como um devir (SIROTA, 2001), ou como algo que está a caminho para a vida adulta, isto é, a criança é um ser para o futuro, um ser para a realização. A percepção que se tem da criança é a de um sujeito necessitado do adulto para se constituir. Ela só se torna ser com a presença do outro-adulto. Se não existir a presença do adulto, a criança não se constitui.

E ainda, as investigações contemporâneas ao contemplarem a presença das crianças vislumbram uma perspectiva idealizada e romântica (TOURINHO; MARTINS, 2010), onde o entendimento sobre elas no fazer investigativo são objetos de estudo e análises, mas suas posições, concepções e vozes são usurpadas, contemplando-as como entes idealizados e não como crianças reais que atuam no cotidiano como agentes concretos de condições sociais e históricas que influenciam na maneira de tornar-se pessoa e são influenciados por elas.

Torna-se necessário envolver as crianças nas pesquisas, seja mediante suas rotinas seja a partir de suas associações com seus pares. Procura-se demarcar um outro olhar e modo de proceder em relação aos fazeres das crianças. A diversidade social e a complexidade das condições existenciais do mundo da criança devem combinar os vetores de socialização e subjetivação, compreendendo a infância como uma categoria geracional e a criança como ser ativo que age, interpreta e recria o mundo.

Dessa maneira, afirma-se que o cenário infantil não se constitui domínio de uma única concepção teórica, mas os alicerces em torno de uma discussão contemporânea não se constituem fora das relações interdisciplinares, os quais tragam à baila de suas epistemologias a infância e a criança. Nesse intuito, os estudos da infância com as crianças não podem se privar de um diálogo com áreas como a Filosofia, a Psicologia, a Sociologia, a História e a Antropologia, por exemplo, para que o entendimento não seja unilateral. Mas, seja ampliado e assentado criticamente em posições teóricas que visem à criança como sujeitos.

Para além dessa condição, tal movimento implica redimensionar a visão da infância assentada no assistencialismo, para conceber a criança como um agente participativo e que possui um papel singular a ser desempenhado na sociedade. Vislumbra-se um entendimento em que as crianças são reconhecidas como sujeitos, revestidas de pleno direito e que se constituem com características específicas mediante sua relação com o mundo, que se organizam em busca de estratégias para se inscrever, existencialmente, mediante contextos culturais diversos.

O reconhecimento das crianças como sujeitos tenciona, por fim, o entendimento de seu universo simbólico, de suas crenças e suas representações como culturas captáveis a partir delas. Entende-se que se torna necessária uma compreensão sobre as crianças e as culturas infantis que leve em consideração as condições sociais, os mecanismos de relação e os significados que dão sentido ao mundo mediante suas próprias vozes, para que tal entendimento não seja realizado no vazio (SARMENTO; PINTO, 1997).

A singularidade com que articulam os elementos do cotidiano enseja o modo como sentem, desejam e agem nos contextos. Em suma, buscam compreender sobre aquilo que diz respeito ao mundo e o que está ao seu redor, expressando-o e verbalizando-o. Enquanto produtora de linguagem, as crianças estabelecem entendimentos e comunicam, através de palavras ou símbolos, suas significações, vivências e, conseqüentemente, produzem cultura. Desse modo, as crianças constroem hipóteses, interagem, subjetivam e objetivam o mundo em um tempo e em um espaço. Isso significa dizer, que o entendimento do mundo e sua representação estão coadunados com o modo como intuem o mesmo.

A participação das crianças e sua visibilidade enquanto sujeitos na *pólis*, hoje e para hoje, implica uma renovação no que se coloca como alternativa para a construção de uma cidadania plena. Se a memória da *pólis* grega nos remete a uma ausência das crianças em suas discussões, reconhecer as crianças como sujeitos da *pólis* contemporânea exige repensar o próprio campo político (PÉREZ; SILVA; COELHO, 2019). Em outras palavras, é necessário construir e possibilitar um modo de estar no mundo e um exercício propositivo de cidadania das crianças a partir da sensibilidade de suas vozes (CHRISTENSEN; JAMES, 2005; CRUZ, 2008; PEREIRA; MACEDO, 2012).

Como expressão de um desejo moderno calcado na ideia de civilidade, a cidade precisa se abrir às diferentes manifestações que se aglutinam em seu entorno (ARAÚJO, 2019). Para tanto, é urgente a escuta das crianças. Afinal de contas “[...] as crianças vivem a cidade à sua maneira debaixo das condições que lhes são proporcionadas pelas políticas urbanas e pelos constrangimentos e possibilidades oferecidas [...]” (SARMENTO, 2016, p.5).

Considerando-as sujeitos de direitos e ouvindo suas vozes é possível saber o que pensam, o que sentem, o que sofrem, o que querem desta sociedade. Sua visibilidade pode colocar em dúvida nossas certezas construídas e produzidas. E por quê? As crianças quebram os protocolos estabelecidos pela adultez. Nada é muito garantido com elas. São territórios desconhecidos, apesar da experiência que se tem da história marcada das nossas infâncias, ela ainda tem muito a nos ensinar.

A participação das crianças é um fato educativo que poderá nos ajudar a superar a invisibilidade infantil como ponto de partida e de chegada para um conjunto de ações para retirá-las, por exemplo, das situações de vulnerabilidade (NORONHA, 2010). Ora, se com elas, é possível olhares distintos para o mundo, enquanto agentes sociais criativos, é também possível construirmos uma outra cidade.

Uma cidade em que se possa reconhecer o que está ocultado e/ou naturalizado nas práticas sociais no cotidiano e que as próprias crianças reconhecidas e ouvidas possam romper com práticas hegemônicas muitas vezes abusivas. Para tanto, é necessário que sejam garantidas as condições estruturais, para que ocorra a inclusão social, assim como as instituições que respeitem o interesse das crianças e aceitem suas vozes como expressão de participação na cidade (SARMENTO, 1999).

É preciso habitar as cidades com modos de vida e práticas sociais que não sejam excludentes e nem demonstrem uma hegemonia ameaçadora dos seus direitos. Sabe-se que há um paradoxo posto no contemporâneo: à medida em que aumentam os direitos legalizados aumentam as problemáticas envolvendo as crianças (TOMÁS, 2006). É preciso pensar em espaços de integração cotidiana com as crianças. Ou seja, reconhecer que a alteridade é uma questão que diz respeito à ética, isso porque as crianças têm seu modo próprio de ser e de pensar o mundo (ARAÚJO, 2019).

As crianças nos provocam a pensar o mundo com e para elas. Somos afetados nos seus anúncios preenchidos de sentidos que, por vezes, parecem caros aos adultos. As crianças estão nas cidades com seus modos e esses modos são jeitos próprios de elaborar o mundo. É condição de possibilidade, não para se sobrepor, mas para criar. E criar o que? Pergunte a elas. Como os artistas, elas transformam suas percepções do mundo em criações de novas histórias e expressões de vida. Em suas histórias, contam os seus jeitos e seus cotidianos.

Para tanto, precisa-se mudar os paradigmas. É trabalhoso mudar paradigmas, por isto talvez, pouco se queira efetivamente ouvir as crianças. A infância ainda compreendida como um devir, equivocadamente, é tida como um momento vital sem voz. É importante dizer que infância não é cronologia natural, não é evidência. Cada momento da história pensou a infância de modo diferenciado, nem sempre apropriado. Portanto, a infância responde modos de compreender em cada momento de transformação social. Vive-se no século XXI e a pergunta, portanto, também passa por questões políticas, por espaços de poder.

Aqui cumpre rememorar a importância de que a construção dos nossos conhecimentos deve estar mais próxima da realidade social de nossas crianças. É uma proposta de inclusão epistemológica dialogar com estas vozes sociais. Este diálogo para a emancipação social enquanto processo coletivo é de responsabilidade de todos nós. Aprender a escutar as crianças, ao invés de só falar delas. Aprender a dialogar a partir das alegrias das crianças, dos seus sofrimentos, das suas reinvenções cotidianas.

Enfim, a escuta exige delicadeza, porque a fala da criança, na maioria das vezes, é fugaz. Escutá-las é um desafio. Os seus dizeres são profundos e repletos de imaginação. Não há o que justificar nas suas falas, elas são como *dínamo* e expressam vida e movimento. São nutridas pela imaginação criadora. Finalmente, a escuta exige aprender que as crianças podem nos ajudar a reconectar com a criança que existe em nós e assim se pode agir num mundo onde o seu reconhecer indicam o conhecer os seres que compartilham espaços e afetos. Afinal, o encontro baseado na alteridade é sempre um reconhecimento ontológico.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A participação das crianças em nossa sociedade, enquanto sujeitos presentes em espaços e tempos da cidade, é uma urgência. As crianças estão na cidade. Aliás, as crian-

ças não somente estão nas cidades como fazem parte integral das mesmas vivenciando suas inúmeras configurações e suas condições múltiplas e complexas. Marcadas em seus tempos, ritmos e espaços as crianças não estão encapsuladas em nossas representações.

As crianças circulam, percebem, vivenciam e constroem a cidade. Ao entender as crianças como sujeitos, que por sua vez, não somente estão na cidade, mas participam da mesma, permite-se, a nós mesmos, enquanto adultos, a aprender mais sobre as estruturas, físicas e simbólicas, que atravessam o cotidiano da cidade, uma vez que as crianças não somente reproduzem tais estruturas, mas elaboram, produzem e transformam seus contextos mediante suas ações.

Perceber os desafios socioambientais da cidade a partir da escuta das crianças importa uma consideração em torno de uma cidadania não apenas formal, mas ativa. Em contextos sociais marcados por assimetrias nas relações sociais, é importante demarcar que as crianças, como sujeitos, performam o seu contexto, não somente para contrapor discursos homogeneizadores e idealizados, mas para tencionar outras reconfigurações em que os direitos de vivência na *pólis* garantam seus espaços.

Desse modo, a infância e o modo de compreensão que é disseminado passam por um processo de negociação que precisa de mais reconhecimento daqueles que um dia foram crianças. Sabe-se que a infância é uma construção social, mas ainda ancorada em paradigmas adultocêntricos de uma suposta soberania que se faz hegemônica nas diversas práticas sociais, especialmente, nos discursos de um ser para o futuro.

O hoje, em muitas compreensões sobre a infância, só tem sentido no futuro. Essa compreensão temporal reverbera-se nos horários das crianças, por exemplo, quando se observam atividades que buscam prepará-las para a vida. Na maioria das vezes é o equivalente aos horários dos adultos. Tudo em busca de um futuro que supere a concorrência e se conforme em uma performance exitosa em detrimento de viver o presente.

Por isto, o que se espera a partir desta reflexão é impulsionar uma escuta sensível sobre a cidade onde se quer, verdadeiramente, a criança inserida. Afinal, os desafios socioambientais que são vividos na cidade pelas crianças são elementos a serem considerados como indicadores de uma necessária transformação, que postula uma indagação sobre a maneira de constituir nosso cotidiano: que habitantes e cidade queremos?

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Nunes de. **Para uma sociologia da infância: jogos de olhares, pistas para a investigação**. Lisboa: ICS, 2009.
- ARAÚJO, Vânia Carvalho de. Crianças em tempos sombrios e as possibilidades do (com) viver na cidade. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, a.16, v.21, n.49, p.135-150, jan./jun., 2019.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2.ed. ed. Rio de Janeiro: LTC Editora, 1981.
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e Medo na Cidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BOMFIM, Zulmira. Áurea Cruz. **Cidade e Afetividade: estima e construção de mapas afetivos de Barcelona e São Paulo**. Fortaleza: Edições UFC, 2010.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**, 13 jul. 1990. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm>. Acesso em: 30 de maio de 2020.
- CAVALCANTE, Sylvia; ELIAS, Terezinha Façanha. Apropriação. In: CAVALCANTE, Sylvia; ELALI, Gleice Azambuja (orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.
- CHRISTENSEN, Pia.; O'BRIEN, Margaret. **Children in the City**. Home, Neighbourhood and Community. London: Routledge Falmer, 2003.
- CHRISTENSEN, Pia; JAMES, Allison. (Orgs.). **Investigação com crianças: perspectivas e práticas**. Porto: Escola Superior de Educação de Paula Frassinetti, 2005.
- CORRAL-VERDUGO, Victor; BONNES, Mirilia; TAPIA, Cesar; FRAIJO-SING, Blanca. **Correlates of pro-sustainability orientation: The affinity towards diversity**. Journal of Environmental Psychology, v. 29, p. 34–43, 2009.
- CORRAL-VERDUGO, Victor.; PINHEIRO, José de Queiroz. Aproximaciones al estudio de la conducta sustentable. **Medio ambiente y comportamiento humano**, Tenerife, v. 5, n. 1, p. 1–26, 2004.
- CORSARO, William Arnod. Entrada no campo, aceitação e natureza da participação nos estudos etnográficos com crianças pequenas. **Educação e Sociedade**, São Paulo, v. 26, n. 91, p. 443–464, mai./ ago., 2005.
- CORTELLA, Mário Sérgio. **A Escola e o Conhecimento: fundamentos epistemológicos e políticos**. 10. ed. São Paulo: Cortez; Instituto Paulo Freire, 2006.
- COSTA, Bruno Marcelo de Souza. A escola como espaço de memórias e formação de identidade(s). **Movendo Ideias**, Belém, n. 2, p.22-26, 2013.

CRUZ, Patrícia de Góes. Ambiente Urbano: lugar de restrição espacial e descoberta de novos espaços. *Saúde e Sociedade*, São Paulo, v. 20, p. 702–714, 2011.

CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008.

CRUZ, Tércia Maria Ferreira da. **A Influência da mídia na percepção da violência: as comunicações e denúncias à Central de Emergência 190**. 82 f. Mestrado em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

DELGADO, Ana Cristiana Coll; MÜLLER, Fernanda. Em busca de metodologias investigativas com as crianças e suas culturas. **Cadernos de Pesquisa**, v. 35, n. 125, p. 161–179, mai/ago 2005.

FERREIRA, Solange Pacheco; FERREIRA, Valéria Milena Rohrich. Vivendo a infância no bairro: aproximações de dados de pesquisas com crianças de Curitiba, Paris, Londres e São Francisco. **InterMeio**, v. 23, n. 46, p. 239–254, jul., 2017.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA – FBSP. **Anuário Brasileiro de Segurança Pública 2019**. Disponível em < www.forumseguranca.org.br > Anuario-2019-FINAL-v3>. Acesso em: 23 de maio de 2020.

FRAXE, Therezinha de Jesus Pinto. **Homens anfíbios: etnografia de um campesinato das águas**. São Paulo: Annablume, 2000.

GARCIA, Etelvina. **Ruas de Manaus persistem à troca de nomes e guardam história da capital**, 2012. Disponível em: <<http://g1.globo.com/am/amazonas/noticia/2012/10/ruas-de-manau-persistem-troca-de-nomes-e-guardam-historia-da-capital.html>> Acesso em: 30 de maio de 2020.

GÜNTHER, Hartmut; ELALI, Gleice Azambuja.; PINHEIRO, José de Queiroz. Multimétodos. In: CAVALCANTE, Sílvia; ELALI, Gleice Azambuja (Orgs.). **Temas básicos em Psicologia Ambiental**. Petrópolis: RJ: Vozes, 2011.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; AZEVEDO, Genoveva Chagas de; FORSBERG, Sílvia Souza. A floresta e sociedade: ideias e práticas históricas. In: HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; HIGUCHI, Niro (Ed.). **A Floresta Amazônica e suas Múltiplas Dimensões: uma Proposta de Educação Ambiental**. 2. ed. revisada e ampliada. Manaus: Edição dos autores, 2012.

HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto; SILVA, Katiane. Entre a floresta e a cidade: percepção do espaço social de moradia em adolescentes. **Psicologia para América Latina**, São Paulo, n. 25, p. 5–23, 2013.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA – IBGE. **Sinopse do Censo Demográfico 2010**. Disponível em: < <https://censo2010.ibge.gov.br/sinopse/index.php?uf=13>>. Acesso em: 21 de abril de 2020.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA – IPEA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICAS - FBSP. **Atlas da violência 2018**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada - IPEA, 2018.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTUDOS E PESQUISAS EDUCACIONAIS ANÍSIO TEIXEIRA – INEP/ MEC. **Relatório do 2.º Ciclo de Monitoramento das Metas do Plano Nacional de Educação – 2018**. 2.ª ed. Brasília: Inep/MEC, 2019.

LACERDA JUNIOR, José Cavalcante. **A cidade percebida pelas crianças a partir de vivências artísticas**. 182 f. Tese de Doutorado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas. Manaus-Am, 2018.

LACERDA JUNIOR, José Cavalcante; GUIMARÃES, David Franklin da Silva; VASCONCELOS, Mônica Alves de; HIGUCHI, Maria Inês Gasparetto. **Percepções topofílicas e topofóbicas do lugar de moradia na cidade**. In.: SILVA, José Roselito Carmelo; VIANA, Álefe Lopes; LINS NETO, Nelson Felipe de Albuquerque (Orgs.). *Percepção Socioambiental nas múltiplas áreas do conhecimento*. Curitiba: CRV, 2019.

NORONHA, Evelyn Lauria. **As crianças perambulantes-trabalhadoras, trabalhadoras-perambulantes nas feiras de Manaus: um olhar a partir da Sociologia da Infância**. 365 f. Tese de Doutorado em Estudos da Criança, Instituto de Educação, Universidade do Minho, Braga, 2010.

OLIVEIRA, José Aldemir de. Espaço-tempo de Manaus: a natureza das águas na produção do espaço urbano. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 33–42, 2012.

OLIVEIRA, José Aldemir; SHOR, Tatiana. Manaus: transformações e permanências do forte à metrópole regional. In.: CASTRO, Edna (Org.). *Cidades na Floresta*. São Paulo: Annablume, 2008.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração dos Direitos da Criança, 1959**. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/convencao-sobre-os-direitos-da-crianca>. Acesso em: 30 de maio de 2020.

PEREIRA, Rita Marisa Ribes; MACEDO, Nélia Mara Rezende (Orgs.). **Infância em Pesquisa**. Rio de Janeiro: Nau, 2012.

PÉREZ, Beatriz Corsino; PÓVOA, Juliana; MONTEIRO, Renata; CASTRO, Lucia Rabello de. Cidadania e participação social: um estudo com crianças no Rio de Janeiro. **Psicologia & Sociedade**, Belo Horizonte, v. 20, n. 2, p. 181–191, ago. 2008.

PÉREZ, Beatriz Corsino; SILVA, Brigida Lorona S. Rodrigues; COELHO, Caroline Abrantes de Vasconcelos. Infância e Cidade: desafios da participação e da representação. **Cadernos de Pesquisa em Educação**, Vitória, a.16, v.21, n.49, p.81-90, jan./jun., 2019.

PINHEIRO, José de Queiroz; GÜNTHER, Hartmut. **Métodos de pesquisa nos estudos pessoa-ambiente**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2008.

RASMUSSEN, Kim. Places for Children – Children’s Places. **Childhood**, v. 11, n. 2, p. 155–173, 2004.

ROCHA, Eloisa Acires Candal. Por que ouvir as crianças? Algumas questões para um debate científico multidisciplinar. In.: CRUZ, Sílvia Helena Vieira (Org.). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisa**. São Paulo: Cortez, 2008

RODRIGUES, Andrea Ribeiro da Silva. **Caracterização química e reológica do cimento asfáltico de petróleo utilizado na cidade de Manaus modificado por borracha moída de pneus inser-**

víveis e polímeros. 103 f. Dissertação de Mestrado em Ciências do Ambiente e Sustentabilidade na Amazônia, Faculdade de Ciências Agrárias, Universidade Federal do Amazonas, Manaus-Am, 2006.

ROSADO, Cristine Tinoco da Cunha Lima; CAMPELO, Maria Estela Costa Holanda. Educação escolar: a vez e a voz das crianças. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 19, p. 401–424, 2011.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A Gramática do Tempo: para uma nova cultura política.** São Paulo: Cortez, 2006.

SARMENTO, Manuel Jacinto.; PINTO, Manuel. **As crianças: contextos e identidades.** Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, 1997.

SARMENTO, Manuel Jacinto; PINTO, Manuel. (Coords.). **Saberes sobre as crianças para uma bibliografia sobre a Infância e as crianças em Portugal (1974-1998).** Universidade do Minho Centro de Estudos da Criança, Braga – Portugal: Editora de Abel António Bezerra, 1999.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Crianças, cidade e cidadania.** 1.ed. Guimarães: ADCL, 2016.

SILVA, Maria do Perpétuo Socorro Chaves da. **Aqui é melhor do que lá: Representação social da vida urbana das populações migrantes e seus impactos socioambientais em Manaus.** Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2009.

SILVA, Sidney A. Entre o Caribe e a Amazônia: haitianos em Manaus e os desafios da inserção sociocultural. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 88, p. 139–152, dez., 2016.

SIROTA, Régine. Emergência de uma Sociologia da Infância: evolução do objeto e do olhar. **Cadernos de Pesquisa**, n. 112, p. 7–31, mar. 2001.

SOUZA, Márcio. **A Expressão Amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo.** Manaus: Valer, 2003.

TOCANTINS, Leandro. **O rio comanda a vida: uma interpretação da Amazônia.** Manaus: Editora Valer - Edições Governo do Estado, 2000.

TOMÁS, Catarina Almeida. As crianças como prisioneiras do seu tempo-espaço: do reflexo da infância à reflexão sobre as crianças em contexto global. **Currículo sem Fronteiras**, v.6, n.1, p.41-55, jan./jun., 2006.

TOREN, Christina. Uma antropologia além da cultura e da sociedade: entrevista com Christina Torren. **Revista Habitus**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 1, p.165-177, 2013.

TOURINHO, Irene; MARTINS, Raimundo. Culturas da Infância e da Imagem “aconteceu um fato grave, um incidente global”. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Orgs.). **Cultura Visual e Infância: quando as imagens invadem a escola.** Santa Maria: Editora da UFSM, 2010.

ZEIHER, Helga. Shaping daily life in urban environments. In: **Children in the City: home, neighbourhood and community.** London: Routledge Falmer, p. 66–81, 2003.